

AA.VV., *Poetas de Dante. Visita ao Inferno*, nota introdutória **Clara Riso**, prefácio **Alberto Manguel**, posfácio **António Mega Ferreira**, Lisboa, Tinta-da-China, 2021, 399 pp.

Como refere Alberto Manguel, para assinalar o 700.º aniversário da morte de Dante, foi decidido homenagear o sumo poeta com versões de 34 poetas de língua portuguesa, correspondendo aos 34 Cantos da primeira parte da *Divina Comédia*. Foi pedido aos poetas “que ecoassem ou respondessem aos versos de Dante na linguagem do nosso tempo, no seu estilo e com o seu entendimento da história de Dante” (p. 11). A presente antologia recolhe, portanto, 34 poemas originais de outros tantos poetas e, para tanto, a Casa Fernando Pessoa – é Clara Riso quem o esclarece – encarregou-se da distribuição dos Cantos, um para cada poeta, fornecendo-lhes a respectiva tradução da edição de Jorge Vaz de Carvalho (Imprensa Nacional, 2021), com a condição de o novo texto não ser “mais longo do que o Canto a que responde» (p. 7).

Ao confrontarmo-nos com esta antologia temática, a primeira

questão que se levanta tem a ver com a selecção dos autores convidados a reescrever os Cantos do *Inferno*, tarefa que é de atribuir à Casa Fernando Pessoa (entenda-se Clara Riso). A este respeito, o único critério explícito reside na procura de “chegar a diferentes formas de relação com a escrita e prevendo diferentes modos de ler o clássico de Dante” (p. 7). Pressupõe-se, portanto, que a escolha estética recaiu em poetas que aceitaram a incumbência, o que, no caso específico, para além dos óbvios poetas consagrados, acabou por incidir em autores da “nova geração poética”, nascidos em grande parte nas décadas de 70 e 80. Há outros nomes que poderiam constar da lista – o que acontece fatalmente com todas as antologias –, mas não posso deixar de referir a ausência de poetas já identificados com a cultura italiana, alguns até com trabalhos de tradução importantes, os quais teriam podido contactar directamente com o grande poema de Dante sem a interposição, inevitavelmente desviante, da tradução portuguesa (e não ponho em causa a qualidade da mesma). Curiosamente, o poeta a quem coube o Canto XVI sentiu a necessidade de transcre-

ver, como epígrafe, três *terzine* (vv. 124-132) em versão original, das quais introduziu alguns segmentos na nova versão, chegando a interferir com a tradução que lhe foi facultada.

De qualquer modo, ocorre dizer que as novas composições “à maneira de Dante” correspondem *grosso modo* ao programa de quem idealizou a antologia, exceptuando algumas propostas minimalistas, de que a mais radical, a parecer provocatória, reduz o discurso do Canto X a seis versos que, em meu entender, não transportam qualquer eco do texto-modelo. Mas há outras dissonâncias relativamente à globalidade da criação poética e do seu valor estético,

como por exemplo, a que se verifica com a glosa do Canto xxix, em oitavas de inspiração clássica até pela linguagem arcaica (“assi”, “hum”, “sembra plaga”, “noute”, etc.). Estas não correspondências com o dinamismo e com a própria modelização de sentido do texto de Dante põem em causa os níveis de leitura da *Divina Comédia* e o título da antologia que, desde logo, me pareceu ambíguo, demasiado ambicioso e indicador divergente, a ponto de questionar a concepção da nova obra poética, que, quanto a mim, não contempla a especificidade do texto como linguagem literária inserida numa precisa memória histórico-cultural.

MANUEL G. SIMÕES